



Sons para o Eterno

Magistério | 2001

Joseph Ratzinger, Cardeal, Papa Bento XVI

Meloteca
Edit. 15/09/2009



Sons para o Eterno

Joseph Ratzinger

Do livro "Diálogos sobre a fé", entrevista de Vittorio Messori a Joseph Ratzinger (actual Papa Bento XVI)

Encontra aqui o seu ponto de referência uma conversa sobre a música sacra, aquela música tradicional do Ocidente católico, para a qual o Vaticano II não mediu palavras de louvor, exortando não somente a salvar, mas a incrementar «com a máxima diligência» o que ele chama «o tesouro da Igreja» e, portanto, da humanidade inteira. E, apesar disso?

«E, apesar disso, muitos liturgistas puseram de lado esse tesouro, declarando-o 'esotérico', 'acessível a poucos', abandonaram-no em nome da 'compreensão por todos e em todos os momentos' da liturgia pós-conciliar. Portanto, não mais 'música sacra', relegada quando muito a ocasiões especiais, às catedrais, mas somente 'música utilitária', canções, melodias fáceis, coisas corriqueiras».

Também aqui o Cardeal consegue mostrar com facilidade o afastamento teórico e prático do Concílio, «segundo o qual, além do mais, a música sacra é, ela mesma, liturgia, e não um simples embelezamento acessório». E, segundo ele, seria fácil também demonstrar, na prova dos factos, como «o abandono da beleza se mostrou uma causa de derrota pastoral».



Cardeal Ratzinger

Diz: «Torna-se cada vez mais perceptível o pavoroso empobrecimento que se manifesta onde se expulsou a beleza, sujeitando-se apenas ao útil. A experiência tem demonstrado que a limitação apenas à categoria do 'compreensível para todos' não tornou as liturgias realmente mais compreensíveis, mais abertas, somente as fez mais pobres. Liturgia 'simples' não significa mísera ou reles: existe a simplicidade que vem do banal e uma outra que deriva da riqueza espiritual, cultural e histórica». «Também nisso», continua ele, «deixou-se de lado a grande música da Igreja em nome da 'participação activa', mas essa 'participação' não pode, talvez, significar também o perceber com o espírito, com os sentidos? Não existe nada de 'activo' no intuir, no perceber, no comover-se? Não há, aqui, um diminuir o homem, reduzindo-o apenas à expressão oral, exactamente quando sabemos que

Sons para o Eterno

Joseph Ratzinger

aquilo que existe em nós de racionalmente consciente e que emerge à superfície é apenas a ponta de um iceberg, com relação ao que é a nossa totalidade? Questionar tudo isso não significa, evidentemente, opôr-se ao esforço para fazer cantar todo o povo, opôr-se à 'música utilitária'. Significa opôr-se a um exclusivismo (somente tal música), não justificado pelo Concílio nem pelas necessidades pastorais».

Esse assunto da música sacra, percebida também como símbolo da presença da beleza «gratuita» na Igreja, é particularmente importante para Joseph Ratzinger, que lhe dedicou páginas vibrantes: «Uma Igreja que se limite apenas a fazer música 'corrente' cai na incapacidade e torna-se, ela mesma, incapaz. A Igreja tem o dever de ser também 'cidade da glória', lugar em que se reúnem e se elevam aos ouvidos de Deus as vozes mais profundas da humanidade. A Igreja não pode satisfazer-se apenas com o ordinário, com o usual, deve reavivar a voz do cosmos, glorificando o Criador e revelando ao próprio cosmos a sua magnificiência, tornando-o belo, habitável e humano».

Também aqui, porém, como para o latim, fale-me de uma «mutação cultural», ou, mais ainda, de uma como que «mutação antropológica», sobretudo entre os jovens, «cujo sentido acústico foi corrompido e degenerado, a partir dos anos 60, pela música rock e por outros produtos semelhantes». Tanto que, e alude aqui também a suas experiências pastorais na Alemanha, hoje seria «difícil fazer ouvir ou, pior ainda, fazer cantar a muitos jovens até mesmo os antigos corais da tradição alemã».



Bento XVI

O reconhecimento das dificuldades objectivas não o impede de defender apaixonadamente não apenas a música, mas a arte cristã em geral e a sua função de reveladora da verdade: «A única, a verdadeira apologia do cristianismo pode reduzir-se a dois argumentos: os santos que a Igreja produziu e a arte que germinou no seu seio. O Senhor torna-se crível pela magnificiência da santidade e da arte, que explodem dentro da comunidade crente, mais do que pelas astutas escapatórias que a apologética elaborou para justificar os lados obscuros de que abundam, infelizmente, os acontecimentos humanos da Igreja. Se a Igreja, portanto, deve

Sons para o Eterno

Jospeh Ratzinger

continuar a converter, a humanizar o mundo, como pode, na sua liturgia, renunciar à beleza, que é unida de modo inseparável ao amor e, ao mesmo tempo, ao esplendor da Ressureição? Não, os cristãos não se devem contentar facilmente, devem continuar fazendo da sua Igreja o lar do belo, portanto do verdadeiro, sem o que o mundo se torna o primeiro círculo do inferno».

Fala-me de um teólogo famoso, um dos líderes do pensamento pós-conciliar, que lhe confessava sem problemas que se sentia um «bárbaro». E comenta: «Um teólogo que não ame a arte, a poesia, a música, a natureza, pode ser perigoso. Essa cegueira e surdez ao belo não é secundária, reflecte-se necessariamente também na sua teologia».

Lisboa: Editorial Verbo, 1985, 105-107

Entrevistas realizadas em Agosto de 1984 ao então Cardeal Ratzinger, actual Papa Bento XVI, que fora recentemente nomeado Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.